

# A Escrita no Autismo Como Uma Possibilidade de Enunciação/ *Writing in Autism as a Possibility of Enunciation*

*Carlos Eduardo Alves Moraes\**

Graduado em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestrando na área de Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco.

 <https://orcid.org/0009-0001-8504-7355>

*Isabela Barbosa do Rêgo Barros\*\**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professora na Universidade Católica de Pernambuco.

 <https://orcid.org/0000-0002-0123-7670>

**Recebido** em 07 abr. 2024. **Aprovado** em: 12 mai. 2024.

## Como citar este artigo:

MORAES, Carlos Eduardo Alves; BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. A escrita no autismo como uma possibilidade de enunciação. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 2, p. e2166, mai. 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11358920>

## RESUMO

No ambiente educacional, estudantes com autismo costumam apresentar dificuldades em participar de atividades em grupo, isolamento, linguagem imatura e fixação em temas específicos. É importante ressaltar que o estudante com autismo tem dificuldades, ou não compreende, metáforas e outras formas de linguagem não literal. O nosso objetivo é analisar os movimentos enunciativos presentes em narrativa escrita por um estudante autista, confirmando o deslize do sujeito na linguagem. Para refletir sobre a relação do sujeito com a linguagem escrita, utilizamos como referencial teórico os conceitos da linguística enunciativa do pesquisador Émile Benveniste (1902-1976), o qual define enunciação como o ato individual de colocar a língua em funcionamento e configuram marcas específicas do sujeito na linguagem. Participou deste estudo um aluno diagnosticado com autismo, 14 anos de idade, sem comorbidade, matriculado no oitavo ano do Ensino Fundamental II de uma escola privada, o qual é acompanhado na sala de Atendimento Educacional Especializado, na cidade de Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco. A análise da narrativa escrita apontou que o estudante apresenta movimentos enunciativos indicativos do manuseio singular da linguagem escrita, marcando a sua subjetividade na linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo; Enunciação; Ensino; Linguagem; Subjetividade.

---

\*

 [Carlosletras2019@yahoo.com](mailto:Carlosletras2019@yahoo.com)

\*\*

 [isabela.barros@unicap.br](mailto:isabela.barros@unicap.br)

#### ABSTRACT

*In the educational environment, students with autism often present difficulties in participating in group activities, isolation, immature language and fixation on specific themes. It is important to highlight that students with autism have difficulty, or do not understand, metaphors and other forms of non-literal language. Our objective is to analyze the enunciative movements present in a narrative written by an autistic student, confirming the subject's slip in language. To reflect on the subject's relationship with written language, we use as a theoretical reference the concepts of enunciative linguistics by researcher Émile Benveniste (1902-1976), who defines enunciation as the individual act of putting language into operation and configures specific marks of the subject in language. A student diagnosed with autism, 14 years old, without comorbidity, enrolled in the eighth year of Elementary School II at a private school, participated in this study, who is monitored in the Specialized Educational Service room, in the city of Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco. The analysis of the written narrative showed that the student presents enunciative movements indicative of the unique handling of written language, marking his subjectivity in the language.*

**KEYWORDS:** *Autism; Enunciation; Teaching; Language; Subjectivity.*

## 1 Introdução

O presente trabalho se insere nas discussões sobre a escrita de um aluno com autismo, a partir da sua proximidade com a escrita na sala de aula. Sabe-se que, em relação à escrita, os alunos autistas apresentam déficits na combinação de aspectos da sintaxe, morfologia e semântica (Walenski; Tager-Flusberg, Ullman, 2006), e esse fato é reflexo dos desvios que esses indivíduos possuem no comprometimento nos níveis de linguagem, uma vez que há um déficit na compreensão e na produção das palavras com sentidos semelhantes aos utilizadas convencionalmente. Esse comportamento é explicado por Barros (2011), a partir da perspectiva estrutural da linguística, como um funcionamento específico à linguagem do autista, que estaria “presa” no eixo sintagmático da língua, justificando a dificuldade do autista em deslizar na cadeia da linguagem e atribuir outros sentidos as palavras ou enunciados proferidos.

Acreditamos que na escrita do aluno autista, há movimentos de linguagem que propiciariam ao estudante acesso ao mundo simbólico. O uso do código que a escrita representa, possibilita ao sujeito a chance de se comunicar, dizer de seus anseios e suas vontades. Considera-se que, no autismo, a escrita adquire papel subjetivante, pois, neste caso, há um fracasso na construção das redes de linguagem (Jerusalinsky, 2012), relações com pessoas e objetos, que tem como consequência o surgimento de automatismos que, por sua vez, requerem que um outro os subjetivem para que a criança possa adentrar ao campo simbólico. Por meio da escrita, alunos com autismo passam a “poder transmitir algo de si, poder se reconhecer, poder reconhecer o

outro, o que pode então dar acesso à reciprocidade” (Bernardino, 2015, p.105).

Além disso, essas inquietações foram decorrentes de reflexões quanto ao processo do acompanhamento do desenvolvimento e análise de textos escritos de alunos com autismo na escola, a qual é uma área pouco explorada nos estudos linguísticos. Sendo ainda comum nas pesquisas sobre o autismo encontrar considerações sobre a linguagem destacando a ecolalia, estereotípias sonoras e neologismos, não levando em consideração o contexto sócio-histórico e peculiaridades muito singulares dos sujeitos, como também professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental, muitas vezes, não sabem como agir no ensino de textos e do sistema linguístico, por não entenderem a relação entre o estudante autista e a linguagem.

Os dados analisados foram coletados de uma narrativa escrita por um estudante autista de 14 anos, matriculado no oitavo ano do ensino fundamental II de uma escola particular do município do Cabo de Santo Agostinho o qual participa da sala de Atendimento Educacional Especializado. Consideramos os aspectos específicos e singulares em relação ao texto produzido e fundamentados na teoria da enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006). Defendemos que os movimentos enunciativos apresentados no texto do estudante autista podem ser compreendidos como fenômenos de linguagem que indicam o modo de funcionamento singular, uma vez que tomamos a enunciação como o ato individual de colocar a língua em funcionamento.

## **2 A Relação do Sujeito Autista Com a Escrita**

Estudos nas áreas da psiquiatria e neurologia publicado no American Psychiatric Association (APA), o qual é um Manual de Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM- 5) do ano de 2014, configuram o autismo como transtorno do neurodesenvolvimento que compõem um espectro ao lado da Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Transtorno Desintegrativo da Infância. Em comum, todas as categorias envolvidas no Transtorno de Espectro Autista caracterizam-se sobretudo, por dificuldade na interação social, estereotípias motoras e de linguagem. Nessa última destacam-se os aspectos relacionados ao mutismo, vocalizações, balbucios, gritos aleatórios, neologismos, ecolalia e especificidades na escrita. (Cavalcanti e Rocha, 2001; Fernandes, 1995, 1996, 2003; Ferrari, 2007; Kanner, 1966; Silva, 2012).

Na escola, os estudantes autistas costumam apresentar isolamento e dificuldade em participar de atividades em grupo; linguagem imatura e dificuldade para compreender informações

não-literais ou subjetivas, como inferências, ironias e piadas, devido à extrema literalidade com que compreendem as informações. (Ney e Hubner 2022). Matos (2012) explica que alunos com TEA apresentam de forma generalizada déficits no nível pragmático. Esta particularidade é denominada “disfunção pragmática”, termo usado para definir a ausência de capacidade de compreender uma expressão em situações distintas, levando em consideração o contexto.

Ressaltando essa discussão no contexto do autismo, o qual diante de uma atividade escrita, o sujeito autista, pode manifestar um bloqueio, caso o enunciado necessite da compreensão do sentido figurado da linguagem, como metáforas e ironias. Como também, podem ter dificuldade em iniciar e terminar um assunto e apresentam limitações de interesses, querendo apenas escrever sobre eles, sendo a escrita representada nesse momento com sentido de subjetividade indo além da comunicação. Autores como Bialer (2015) e Maleval (2017) descrevem as experiências de autistas que usaram a escrita para relatar suas vivências. Essas produções evidenciam o caráter subjetivo da escrita para esses sujeitos, uma vez que a partir dessa prática, eles tiveram a oportunidade de se reorganizarem psicologicamente e expressarem sentimentos e angústias.

Além disso, Maleval (2017, p. 219) descreve que “o autista se interessa comumente por signos escritos ou desenhos porque são objetos tranquilizadores que permitem certa saída da solidão, sem defrontar a presença do Outro”. Essa afirmação traz mais uma reflexão frente do texto escrito, pois a este pode representar um meio adequado para que o aluno com autismo possa se expressar. Os alunos com TEA geralmente aprendem a ler muito cedo (ASSUMPÇÃO JR, 1997), porém, escrevem com movimentos lentos e desajeitados, devido as dificuldades relacionadas às habilidades da motricidade fina e relações espaciais. Eles têm dificuldade para desenvolver um enredo de assuntos abstratos, eles se saem melhor escrevendo passo a passo de um processo.

Logo, evidencia-se a importância de estimular a escrita através de produção textual para estes alunos, pois, neste caso, o processo de conhecimento vai muito além da educação formal. Trata-se, então, de uma possibilidade de o sujeito expressar-se. Deste modo, “[...] a escrita se constitui como um lugar de enunciação do sujeito, na medida em que ele também realiza sua travessia no processo de inscrição na linguagem, dado a partir do laço com o outro” (Milman, 2017, p.480). Assim, a escrita permite que o sujeito com autismo reordene sua posição frente ao espaço subjetivo, (Bastos, 2012). Portanto, as possíveis particularidades encontradas na escrita do sujeito autista, afirma sua presença no universo linguístico, indo além de conteúdos acadêmicos formais ou do desenvolvimento de uma habilidade isolada, para ser uma construção

complexa e ampla, que será fonte para a retomada da estruturação subjetiva do estudante autista.

Levando em consideração que os alunos com TEA têm particularidades em expressar nos seus textos e por apresentar dificuldades em ler as entrelinhas e compreender conceitos, o professor precisa assumir seu papel do outro na leitura desses textos para que possam apoiar no resultado favorável da aprendizagem. Portanto, acreditamos que a prática pedagógica no sistema comum de ensino, deve refletir um posicionamento de acolhimento perante um aluno com o TEA, dando uma atenção nas produções textuais, onde o professor e aluno dialogam, sendo o texto uma possibilidade de encontro entre eles e as práticas discursivas e sempre tencionando para superação das dificuldades, cabendo ao professor a função de interlocutor.

### 3 Concepções sobre a Enunciação Escrita

Para refletir sobre a relação do sujeito com a escrita, nos fundamentaremos na Linguística da Enunciativa de Émile Benveniste, o qual define enunciação como ato particular de utilizar a língua. Vale ressaltar, que Benveniste não refletiu diretamente sobre a noção de ensino de escrita ao longo de seus estudos. Porém, acreditamos que embasados em suas reflexões sobre língua, linguagem, sujeito falante que vive em sociedade é possível inferir noções as quais autorizam um percurso teórico de base para refletir sobre a escrita. Buscamos Benveniste, por, em seus estudos, produzir um pensamento singular acerca de conceitos que são importantes, priorizando um viés subjetivo de estudar a língua.

Pensamos que essa singularidade, em que se privilegia a expressão do homem na e pela linguagem, permita ver o aluno como produtor textual, ocupando o seu lugar de sujeito da língua. Segundo Endruweit (2004) a escrita deixa de ser a transposição do oral e ao mesmo tempo abandona a função de auxiliar da memória, tendo a escrita reabilitada passando a ter autonomia como uma apropriação interior, estruturada e submetida ao sistema da língua. E é esta estrutura que permite a aproximá-la da linguística e da Teoria da Enunciação. Então podemos refletir que a estrutura da língua não deixa de constituir um sistema ainda que considere a enunciação, é importante entender essa afirmação para a manifestação escrita, pois a discussão que ressaltamos aqui é aceitação de que o sujeito que escreve, deixa marcas de suas experiências, sendo pertinente entender o produto da enunciação como a consequência do uso da língua.

Retornando a Endruweit (2004) quando afirma que indo mais além, é possível ver na escrita, igualmente um ato de aproximação de um sujeito marcado no enunciado produzido,

também na escrita o locutor é parâmetro, é condição necessária para o ato enunciativo. Logo, entender a língua antes da enunciação apenas como possibilidade da língua (PLG II, 81) significa que a escrita, pura forma, é em um momento, apenas a letra, a representação semiótica. Depois da enunciação, plenitude desta escrita, a semantização e a transformação em discurso, este movimento é o trabalho do sujeito na língua que ao escrever registra aquilo que não pode ser dito, apenas mostrado.

Ademais, a escrita nessa perspectiva enunciativa é concebida como uma possibilidade de exercício da necessidade histórica da significação para o sujeito, registrar possíveis relações sociais, fornecendo condições específicas e singulares de enunciação. Sendo um trabalho necessário, devido às abstrações de alto grau que o afastam da relação automatizada com a fala, e que é colocado ao sujeito no e pelo processo de escrita. Nesse viés, podemos dizer que o sujeito, ao apropriar-se da língua e convertê-la em escrita, uma imagem da língua, transmuta sua experiência de linguagem em signos escritos, socialmente (com)partilhados entre os membros de uma determinada sociedade, de uma determinada cultura, de tal modo a enunciar-se na e pela escrita. Essas relações de sentido que compõem a formulação teórica de Benveniste ganham visibilidade quando ele afirma que:

[...] toda aquisição da escrita supõe uma série de abstrações. Há uma súbita conversão da língua em imagem da língua. Para o homem em estado de natureza, é algo prodigioso e extremamente difícil. A língua, de fato, é uma atividade, um comportamento no qual se está sempre em situação de diálogo. A passagem à escrita é uma reviravolta total, muito demorada para se realizar. O locutor deve se desprender dessa representação da língua falada enquanto exteriorização e comunicação (BENVENISTE, 2006 p. 130, anotação de aluno).

Como afirmam Rodrigues, Augustine e Araújo (2020) a escrita ao ser mobilizada no exercício da linguagem, no exercício da significação, projeta o sujeito que diz que exercita a linguagem, que enuncia, constituindo-se como um modo de testemunho de sua identidade. Nessa medida, a escrita, como uma imagem da língua, não só se constitui como sua abstração, como também é um lugar em que o problema do sentido pode ser perscrutado, já que, como ensina Benveniste:

[...] o problema do sentido é o problema da própria língua, e, como a língua aparece para mim como uma paisagem que se move (ela é o lugar de transformações) e como se compõe de elementos diferentes (verbos, nomes

etc.), o sentido se resume a procurar o modo de significar próprio a cada um dos elementos em questão (BENVENISTE, 2006, p. 194, grifo do autor).

Como foi colocado pelo linguista, a escrita, assim como a língua, (com)porta os dois modos de significância, o modo semiótico e o modo semântico, isso porque cabe ao sujeito, no exercício dessa forma linguística, “reconhecer” os grafemas escritos e socialmente postos e “compreender” a significância por eles evocada. Então refletir sobre a escrita como produto de um ato enunciativo nessa perspectiva, é situar-se na dimensão de historicidade para tratar de cada experiência do sujeito na atualização da língua em discurso como um registro humano na linguagem, já que pensar a língua fora de seu uso é excluir o humano e o histórico.

Segundo Silva (2018) estudar o texto escrito, por essa abordagem, parece ser um desdobramento previsto por Benveniste no final de “O aparelho formal da enunciação”, quando destaca a enunciação falada e a enunciação escrita como formas complexas de discursos, que podem ser analisadas a partir do esboço de um quadro formal da enunciação enquanto fenômeno geral. É nessa visão que Knack (2012) defende os textos orais e escritos como fenômenos específicos situados no interior da enunciação, concebida como fenômeno geral. Será então nessa articulação do aparelho formal para a prática de textos, concebemos que cada produção escrita como uma manifestação enunciativa singular, com características linguísticas específicas que marcam a relação do locutor com a sua enunciação e o modo específico como implanta o alocutário diante de si.

O trabalho com a língua em textos escritos no ambiente da sala de aula deve ser de inclusão e necessita de um olhar e um empenho efetivo por parte dos professores de língua portuguesa ao se proporem como linguistas ao descrever o texto em funcionamento, de um ponto de vista o qual leva em conta o sentido. Como afirma Toldo (2021) É a linguagem em uso e a língua organizada em textos que possibilitam conhecermos o falante que vive e atua em sociedade; que fala com outro homem. Assim, não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõe um enunciado; é preciso perceber que relações essas unidades do sistema linguístico mantêm com outras unidades em dada situação de uso.

#### **4 Metodologia**

A pesquisa deste trabalho se caracteriza como qualitativa um estudo caso, a qual não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha

com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, a pesquisa qualitativa tem ampliado seu campo de atuação para outras ciências, como a Linguística, mais especificamente ao campo da aquisição da linguagem. Apoiaremos a pesquisa nas considerações de Silva (2009) sobre aquisição de linguagem de base enunciativa e na teoria enunciativa de Émile Benveniste, que não dispõe de um modelo único de análise de investigação, pois como a própria enunciação é única e irrepetível, o corpus determina a perspectiva enunciativa de análise.

### 3.1 Procedimento de Coleta e Análise

O texto analisado, originário de uma narrativa escrita por um estudante autista com 14 anos de idade, em atividade escolar, o participante foi orientado a escolher livremente entre dois temas propostos pelo pesquisador: i) Ilha deserta ou ii) Um encontro com um seu super-herói. Foi escolhida a primeira temática, sendo o estudante conduzido a produzir um texto sem que fosse utilizada a borracha e sem o limite determinado de espaço (linhas escritas).

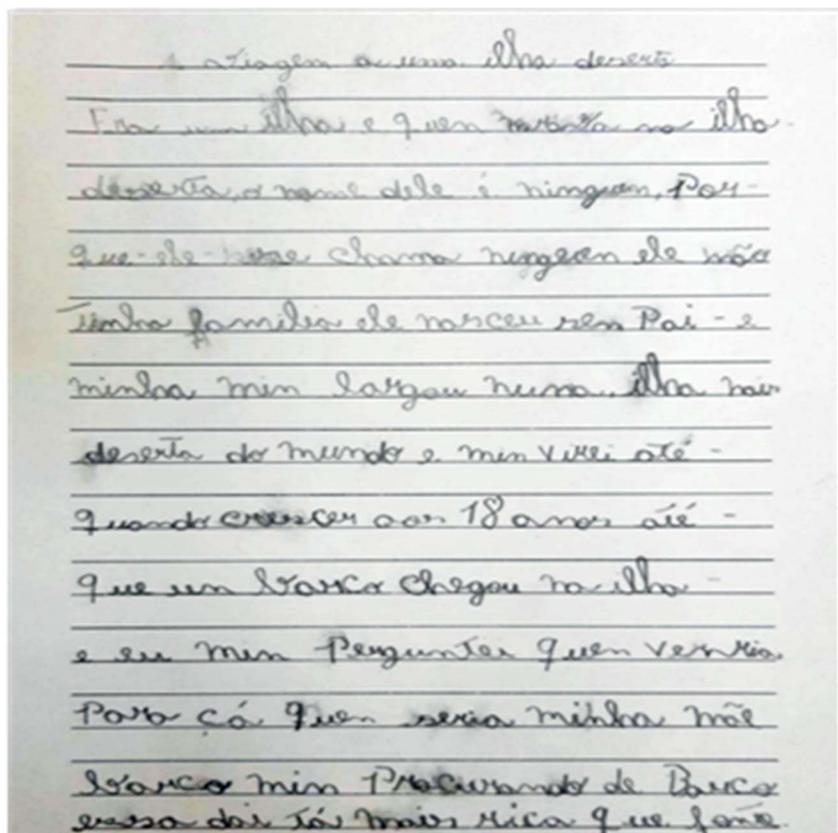
Vale ressaltar que a construção dessa narrativa não houve qualquer intervenção do pesquisador da sala de aula regular ou do profissional da AEE, ele acompanhou o processo da escrita dos estudantes, constituindo-se como único alocutário durante a construção dos textos.

### 3.2 Análise dos dados

Destacamos, neste trabalho, a produção escrita como meio de entrada do estudante autista na linguagem, em oposição ao discurso clínico tradicional presente nos manuais de diagnósticos, que apontam para uma escrita descontextualizada, resistente e repetitiva.

Apoiados nas considerações enunciativas de Benveniste (2005; 2006), defendemos que as particularidades presentes no texto escrito do sujeito autista, podem sugerir o engajamento na linguagem, compondo uma maneira particular desse sujeito se enunciar e se constituir na língua/linguagem. Observemos o texto do aluno, na Figura 1 a seguir.

**Figura 1:** Texto do aluno



Fonte: Texto escrito pelo estudante autista da sala do AEE

Percebemos que o autor do texto respeita os padrões formais de uma narrativa: há uma sequência de acontecimentos com a presença de um personagem e de um narrador que estão envolvidos em um espaço, tempo e enredo linear definidos. Ao utilizar a expressão comum de abertura dos contos infantis “Era uma Ilha” lembrando o “Era uma vez”, o estudante, sujeito do enunciado, revela uma aproximação com a contação de histórias, além de demonstrar, em um contexto pragmático, a abertura do canal de comunicação com seu interlocutor: quem solicitou o texto. Esse fato contraria o que afirma Assumpção Jr. (1997) sobre a dificuldade de estudantes autistas desenvolver um enredo de tema abstrato.

No texto foram destacadas a repetição das palavras “ninguém”, “ilha”, “barco” e “fonte”, compondo o universo de experiências do sujeito sobre o tema pirata e, talvez, revelado o sentimento de solidão autística relatada na literatura especializada, tendo que, principalmente os termos “ninguém”, “ilha” e “barco” remetem ao estado de isolamento ou vagar sem rumo. O movimento enunciativo que institui o “eu” na linguagem pode ser percebido por um alocutário/pesquisador que não estivesse concentrado em normativas gramaticais e ortográficas.

O termo ilha, presente desde o título, convida o outro/leitor, interlocutor do sujeito, a compartilhar do seu sentimento de solidão, uma vez que chama para uma “**viagem a uma ilha deserta**”, sendo essa viagem um deslocamento para um lugar ou “eu” (des)conhecido, desértico, despovoado, sozinho: a ilha. Ou seja, a ilha não é outra coisa que não o próprio escritor, percebido através do encadeamento com outros termos utilizados no texto, a exemplo de ninguém. Observemos o trecho a seguir:

“[...] o nome dele é **ninguém**. Porque ele se chama **ninguém** ele não tinha família ele nasceu sen pai e minha mim largou numa, **ilhanais** deserta do mundo e min virei até quando crescer aos 18 anos.”

O termo ninguém remete, igualmente, a solidão, a alguém sozinho, sem família, “um zé ninguém”, sem nome, marcado pela ausência do pai e da mãe, quando essa é “apagada” no trecho “e minha mim largou”. A separação do outro também está presente nos espaços entre linhas deixado no papel, totalmente tomado pela linguagem escrita. Porém o sujeito, autor do texto, resgata do tema o sentido de viagem, aventura e isolamento para construir seu texto, indicando sua relação subjetiva com o tema proposto. Bialer (2015) e Maleval (2017) já informaram que alguns autistas usam a escrita para relatar suas vivências e experiências pessoais.

No trecho “[...] que um barco chegou na ilha e eu min perguntei quem venria para cá quen seria minha mãe barco min procurando de barco.”, há um sujeito (a ilha) que encontra um outro ainda desconhecido (o barco) que o retira da solidão autística. Os movimentos enunciativos nos mostraram que o estudante manuseia a linguagem escrita de modo singular, remetendo-se a si mesmo no discurso, marcando sua presença subjetiva na linguagem. Não foge ao tema, mas fala de si ao outro, opondo-se ao que está exposto na literatura: o autista apresenta uma linguagem descontextualizada, resistente e repetitiva.

### Considerações finais

Acreditamos que a análise do texto nos mostrou, que, mesmo todos apresentando o mesmo transtorno, esse estudante manuseia a linguagem escrita de modo diferente um do outro, marcando os movimentos subjetivos na linguagem. Ademais, os aspectos apresentados na narrativa do sujeito autista opõem-se ao que está exposto nos manuais de diagnósticos, como linguagem descontextualizada, resistente e repetitiva, existindo uma coerência e coesão de ideias apesar da fuga dos tem, em alguns momentos, marcando a enunciação do sujeito. Portanto, faz-

se necessário promover reflexões sobre o ensino da língua portuguesa para estudantes autistas, pautados na perspectiva enunciativa, no que tange à produção textual, de modo que possibilite a independência do aluno em seu processo de escrita, além de fomentar discussão sobre o lugar do estudante autista no ambiente escolar.

<b>CRedit</b>
<b>Reconhecimentos:</b> Não é aplicável.
<b>Financiamento:</b> Não é aplicável.
<b>Conflitos de interesse:</b> Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
<b>Aprovação ética:</b> Não é aplicável.
<b>Contribuições dos autores:</b> Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita - revisão e edição. MORAES, Carlos Eduardo Alves.  Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita - revisão e edição. BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo.

## Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASSUMPTÃO JR., Francisco Baptista. (Org.). *Transtornos Invasivos Do Desenvolvimento Infantil*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 5ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. *A importância da escrita na clínica do autismo*. Revista USP. 2015.
- BIALER, M. *A voz no autismo: uma análise baseada em autobiografias*. Estilos clin., São Paulo, v. 22, n. 2, maio/ago. 2015
- BERNARDINO, L. M. F. *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. São Paulo: Escuta, 20CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. *Autismo: construção e desconstruções*, São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

BASTOS, M. B. *Incidências do educar no tratar: desafios para a clínica psicanalítica da psicose infantil e do autismo*. 2012. Tese - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. *Análises da Enunciação Escrita*. Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso (SITED). Porto Alegre, 2004.

FERRARI, Pierre. *Autismo infantil: o que é e como tratar*. Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo:Paulinas, 2007.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; PASTORELLO, Lucila Maria; SCHEUER, Claudia Inês. *Fonoaudiologia em distúrbios psiquiátricos da infância*. São Paulo: Lovise, 1995.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. *Autismo infantil: repensando o enfoque fonoaudiológico – aspectos funcionais da comunicação*. São Paulo: Lovise, 1996.

JERUSALINSKY, A. N. *A psicanálise do Autismo* 2 ed.- São Paulo: Instituto Langage, 2012.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: as modalidades escritas como instâncias de investigação*. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KANNER, Leo. *Psiquiatria infantil*. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966

MALEVAL, J.C. *O autista e sua voz*. São Paulo: Blucher, 2017.

MINAYO, M. C. S. *Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social*. In: DESLANDES, S.F. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

MILMANN, E. *O papel fundamental da escrita na educação inclusiva*. IN: KUPFER, M. C. M; PATTO, M. H. S; VOLTOLINI, R. (Org.) *Práticas Inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno sujeito*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 2017, P. 91-108.

MATOS, CM. *Compreensão de linguagem não-literal em crianças com Perturbações do Espectro do Autismo*. Orientador: Professora Doutora Maria Armanda Costa. 2012. 156 f. Dissertação de Mestrado (Mestre em Ciência Cognitiva) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

NEY, T.; HUBNER, L. C. *Linguagem oral e escrita no autismo - TEA: perspectivas teóricas e pedagógicas*. The Specialist 2022.

RODRIGUES, E. A., AGUSTINI, C., & ARAÚJO, Érica D. de. (2022). *A teorização de Émile Benveniste sobre escrita: (d)o ponto de vista da vida social*. *Fragmentum*, 2020

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Ana Beatriz B, (et al). *Mundo singular: entenda o autismo*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2012.

TOLDO, C. *O texto: unidade de sentido no trabalho com a língua na escola*. Cadernos de Linguística, 2021



WALENSKI, M.; TAGER-FLUSBERG, H.; ULLMAN, M. T. *Linguagem no autismo*. In MOLDIN, S. O.; RUBENSTEIN, J. L. R. (orgs.). *Entendendo o autismo: da neurociência básica ao tratamento*, p. 175-203. Londres: Taylor & Francis Books, 2006.